

# nunca resistir a um duque

trilogia a sociedade dos duques decadentes / livro três

## madeline hunter

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Este livro é dedicado à memória de  
Warren Archer (1946-2018),  
meu marido,  
meu melhor amigo  
e meu herói*



## C A P Í T U L O   U M



**D**avina tocou na copa da sua touca para se assegurar de que estava no ângulo correto. Alisou a pele das luvas. Na antecâmara onde estava sentada encontravam-se mais duas pessoas, ambos cavalheiros, tendo em consideração a postura e as roupas. Presumiu que teria de esperar que eles fossem vistos primeiro.

A convocatória chegara há três dias, impressionante no seu papel de cor creme, caligrafia delicada e selo de cera. Instruía-a a dirigir-se ao Palácio de St. James à uma hora daquele dia e a entregar a convocatória a um pajem que se encontraria à porta da Sala da Tapeçaria. Esse jovem conduzira-a àquela câmara, onde deveria aguardar.

Que comoção gerara aquela carta. O Sr. Hume, o seu patrão, insistira em lê-la, depois exigira a sua atenção durante quase uma hora enquanto a instruía quanto ao modo de se comportar, o que dizer, o que não dizer, e como realizar ameaças subtis sem o fazer de modo direto. Esperava ser poupada a estas últimas. No colo tinha a carta que o avô recebera da Corte. Decerto quando a vissem tudo seria retificado. Tocou no papel que tinha nas mãos, aquele em que, pela letra do seu pai, era explicado tudo o que ele sabia acerca do legado. Ele dera-lho quando caíra nas garras da doença que haveria de o matar. *Confio-te tudo isto, valha o que valer. Ainda assim, tens o direito*

*a saber*. Ela desejou tê-lo, agora, ao seu lado. Os seus modos calmos e firmes sempre lhe haviam transmitido confiança.

Um pajem diferente entrou na câmara. Aproximou-se dela. Os dois cavalheiros não aceitaram aquilo muito bem. Os seus olhares seguiram-na enquanto o pajem a acompanhava.

Davina quase nunca se sentia nervosa, mas o seu estômago revoltava-se agora. Ainda assim, tinha de manter a calma, se ia falar com o rei.

O pajem conduziu-a a um gabinete não muito distante da antecâmara. Um homem saudou-a e fez-lhe sinal para que se sentasse numa cadeira forrada a seda azul, perto de uma grande janela. Em seguida sentou-se numa cadeira de madeira próxima, que mantinha a sua postura muito direita.

— É um prazer conhecê-la, menina MacCallum. Sou Jonathan Haversham. Pertença à Casa.

Ele queria dizer a Casa do rei, claro. Talvez fosse um importante funcionário. Talvez não. Tanto quanto ela sabia, o Sr. Haversham até podia ser apenas um pajem muito velho. Decerto não era um pajem novo. Parecia ter uns cinquenta anos, cabelo grisalho já ralo dos lados e ausente no topo. Magro e anguloso, os olhos escuros de pálpebras pesadas e a boca larga e flácida davam a impressão de que não lhe agradava ter de lidar com ela.

— A sua petição para uma audiência foi recebida — disse ele.

— Já enviei outras.

— Sei bem disso. Tenho a certeza de que pode imaginar o quão ocupado é Sua Majestade. No entanto, ele não é indiferente às preocupações dos seus súbditos, por isso pediu-me que falasse consigo.

Então ela não ia ver o rei. Pelo menos, estava a ser recebida por alguém.

— Como expliquei em cada uma das minhas cartas, tenho provas de que as propriedades do meu bisavô foram ocupadas pela Coroa depois da sua morte. Conheço muitos casos semelhantes em que as propriedades foram posteriormente devolvidas à família. Tenho uma carta do pai do rei afirmando que faria o mesmo por nós. — Ela entregou o velho pergaminho dobrado. — O próprio rei disse-me, quando estive em Edimburgo, que abordaria a questão.

O Sr. Haversham analisou a carta.

— O que a faz pensar que o seu avô era o herdeiro destas propriedades?

— Ele disse-o ao meu pai, antes de morrer.

O Sr. Haversham sorriu ligeiramente.

— Têm ocorrido erros em questões como esta.

— O último rei não pensava o mesmo. — Ela apontou para a carta que ele continuava a segurar.

— O último rei tinha, por vezes, momentos de confusão. — Ele baixou os olhos para a carta. Ela perguntou-se se ele pretendia alegar que se tratava de uma falsificação. Isso seria difícil de fazer, dado que exibia o selo real. — Tem em sua posse as provas enviadas para o palácio, para convencer o último rei da alegação do seu avô?

— Presumo que tenham sido guardadas pelo rei.

— Não encontrámos quaisquer provas.

Davina sentiu um aperto no coração. Não podia garantir que tivessem existido provas, e por isso dificilmente poderia exigir que as encontrassem.

— O rei, *este* rei, o que está vivo, disse-me pessoalmente que iria analisar a situação e lidar com ela. Esteve em Edimburgo e eu tive uma audiência. O senhor não estava presente, mas tenho a certeza de que ele se lembra e, caso não se lembre, estavam outros como o senhor presentes, que, decerto, se recordarão. O homem que me conseguiu a audiência lembra-se. — *Tenho provas disto, pelo menos, por isso não tente negá-lo.*

Os lábios dele tornaram-se mais finos e dobrados como os de um sapo.

— Ninguém põe esse encontro em causa, menina MacCallum. Iremos, sem dúvida, analisar a situação. Já começámos. Daí o meu comentário acerca das provas. Serão necessárias. Os reis não entregam terras a reclamantes simplesmente tendo em conta a sua palavra. Quanto a isto — ele acenou com a carta que ainda tinha nas mãos —, terá o seu peso nas determinações finais do que fazer, uma vez encontradas as provas.

Ela aproveitou a oportunidade de um aceno para lha arrancar das mãos.

— Eu guardá-la-ei, se não se importa. Não gostaria que se perdesse e tenho a certeza de que possuem milhares de cartas aqui.

— Claro. Como desejar. — Ele olhou de relance para a carta, com olhos gananciosos.

— Também tentarei apresentar-lhes ainda mais provas, para apoiar aquelas que já foram enviadas há tantos anos — disse ela. — Estou determinada a resolver isto.

— Tal como nós, garanto-lhe. — Ele levantou-se e ofereceu-lhe a mão para a ajudar a erguer-se. — Espero que transmita à duquesa os cumprimentos de Sua Majestade. Ele ficou encantado por receber a sua carta.

Davina duvidava disso. No entanto, aquela carta fora, provavelmente, o motivo por que fora recebida por alguém. Não fora pela duquesa de Stratton, toda aquela viagem até Londres teria sido uma perda de tempo.

Uma vez mais, o pajem escoltou-a através dos corredores e câmaras até a ter deixado na sala de estar.

Ninguém tomou nota dela. Alguns olhares de relance foram lançados na sua direção, mas desviaram-se de imediato. Demasiado fora de moda para ser importante, diziam aquelas pálpebras esvoaçantes. Ela não quis saber. Não tinha ido até ali para impressionar ninguém com o seu estilo e espírito. Fora em busca de justiça, para si, para o pai e para o avô que ela nunca conhecera.

A sua mente regressou à reunião. Vasculhou na memória em busca de provas de que tivesse corrido melhor do que o seu estado de espírito cabisbaixo a fazia crer. Enquanto o fazia, a porta para a qual se dirigia abriu-se e entrou um homem.

Ela estacou. Tendo em consideração aquilo que acabara de acontecer com o Sr. Haversham, a presença daquele homem servia apenas para aumentar a sua consternação.

Ele entrara como se já ali tivesse estado centenas de vezes, e provavelmente estivera. Não precisava de ficar a olhar, de boca aberta, para o mobiliário da grande câmara como ela fizera.

Dava a conhecer a sua presença sem qualquer esforço ou intenção. Todos se aperceberam da sua chegada. Algumas senhoras mudaram de posição para poderem olhar para ele.

Erguia-se mais alto do que todos os outros e a sua postura insinuava um homem que não se curvava com facilidade. O seu sorriso vago revelava tolerância mais do que simpatia. O seu rosto belo e cinzelado, de nariz reto e maxilar quadrado, refletia o sangue germânico que a bisavó concedera à sua linhagem. Os olhos, mais de um cinzento-escuro do que azuis, criavam um olhar de aço que trespassava tudo aquilo que via.

Eric Marshall, o duque de Brentworth. O duque mais ducal, era o que lhe chamavam.

Davina fora-lhe apresentada há vários anos, numa festa para celebrar o facto de a duquesa de Stratton ter assumido, finalmente, o seu crédito como patrona do *Parnassus*, um jornal feminino de crescente renome. Davina fora convidada, pois contribuía com ensaios para o jornal. Fora essa a única razão pela qual conhecera a duquesa, ou qualquer outra das senhoras presentes. Quase todos os que ali se encontravam ultrapassavam-na imensamente em posição social.

O duque condescendera em conversar um pouco com ela nessa festa. Ela mantivera-se firme, aproveitando a oportunidade para o avaliar. É algo que se deveria fazer com uma pessoa que poderia ser considerada um inimigo. Claro que, quando se conheceram, ela já sabia que naquele dia iriam àquela reunião, e antecipara, na altura, um resultado muito mais favorável. Ter sido convocada por um rei concedia a uma pessoa uma grande confiança quando se encontrava com um duque.

Naquele dia não tinha qualquer interesse em conversar com o duque. Evitou o seu olhar e avançou através da câmara, virando os seus pensamentos, de novo, para o seu problema, potencialmente inultrapassável, de encontrar mais provas que apoiassem a sua petição acerca da sua herança.

**E**ra raro para Brentworth ser chamado à Corte. É verdade que não fora uma verdadeira convocatória. Era mais um convite, na medida em que os reis alguma vez convidam em vez de convocarem. *Sua Majestade teria todo o gosto em recebê-lo amanhã às duas horas.*

Entrou no Palácio de St. James às quinze para as duas, perguntando-se por que razão o rei desejaria vê-lo. Ele e o rei não se davam



muito bem. O rei era um tolo e Brentworth, não, por isso tinham pouco em comum.

Perguntou-se se teria alguma coisa que ver com a reunião a que assistira mais cedo nesse dia. O rei talvez tivesse tido conhecimento dos seus esforços renovados para reanimar o questão da abolição da escravatura nas colónias. Poderia querer dar voz ao seu ponto de vista em relação à questão e achar que uma conversa informal com um duque seria a melhor maneira de o fazer.

Brentworth não fazia ideia de qual poderia ser o seu ponto de vista. Aquele rei não era conhecido por se envolver em questões políticas, ou em grandes questões, na verdade, com exceção do seu próprio prazer. Provavelmente também tinha opiniões. A maior parte dos homens tinha, independentemente do quão pouco formados fossem esses homens.

Não era um dia de recepção, por isso havia poucas pessoas por perto. Não havia uma multidão na antecâmara de pessoas saltitando na expectativa de poderem observar a nobreza em desfile. Percorreu aquela câmara e a seguinte e entrou na sala de estar. No seu interior encontravam-se, no máximo, vinte pessoas a conversar.

Não se anunciou a nenhum dos pajens. Eles conheciam-no, e quando um deles chegou apressou-se a atravessar a câmara e a desaparecer pela porta que conduzia a uns gabinetes.

Vagueou pela sala de estar, esperando pela chegada do rei em pessoa ou de alguém que o acompanhasse até ao local onde se encontrava instalado. Enquanto o fazia viu uma rapariga com umas práticas roupas azuis e uma touca a avançar através da câmara. Reconheceu-a como sendo a menina MacCallum. Fora-lhe apresentado numa festa no início dessa semana. Era uma escritora com um incomum interesse pela medicina.

Ela impressionara-o com a sua capacidade para manter a calma numa câmara repleta de nobres e elementos da alta sociedade. Não podia ignorar o facto de que, durante a sua breve conversa, ela parecera sinceramente pouco impressionada com o seu título ou estatuto. Isso quase nunca acontecia, em especial com as mulheres. A maior parte dos pares sentir-se-ia irritado. Ele ficara intrigado.

A touca obscurecia grande parte do seu cabelo louro, escondendo

o seu curto comprimento. Aquele corte fora notório na festa, apesar da sua tentativa heroica de o disfarçar. Ele concluía que o seu interesse na medicina derivara de uma doença séria que a afetara, uma doença recente que a levava a cortar o cabelo para ajudar com a febre.

Naquele momento parecia simultaneamente deslocada e destrocada. Ele intercetou-a antes que ela pudesse partir.

— Menina MacCallum, que agradável surpresa.

Ela estacou abruptamente e pestanejou para afastar o pensamento que a distraía. Executou uma bela vénia.

— Vossa Graça.

— Não se sente bem? Parece assombrada.

Ela olhou de relance para a porta que conduzia a uma longa ala de gabinetes.

— Não tanto assombrada quanto perturbada pelo facto de o assunto que aqui me trouxe estar a ser tratado com leviandade.

— Tem um assunto a tratar na Corte?

— Tenho. Considero pouco provável, contudo, que alguma vez venha a ser abordado como deveria ser. Foi algo que fiquei a perceber hoje. — As suas feições, demasiado arrojadas para serem elegantes, moviam-se facilmente para expressar os seus pensamentos e estados de espírito. Naquele momento parecia estar a lutar simultaneamente contra o desespero e a fúria.

— Não é nada sério, espero.

A raiva venceu.

— Pareço-lhe uma mulher capaz de desperdiçar o tempo de um monarca com questões frívolas?

— Claro que não — disse ele em tom calmante, puxando-a para um lado. — Se foi de algum modo insultada tem de me dizer. Assegurar-me-ei de que não volta a acontecer.

— Não fui propriamente insultada. Apenas ignorada, como não merecendo ser tratada de forma justa. — Ela olhou para si mesma, com o vestido de musselina azul de bom gosto mas simples, e o seu *spencer* curto azul-escuro. — Talvez se me tivesse vestido como...

— Ela apontou para as senhoras que conversavam nas redondezas.

— Como elas, tivesse ajudado.

Provavelmente sim.

— De todo. Está muito bem assim. — *Sólida e sincera, e com caráter, sem depender de vestimentas e de modas.* O autocontrolo que ele vira nela quando se encontraram na festa da duquesa de Stratton ainda a dominava, mas a perturbação que sentia suavizava-a o suficiente para que a natureza protetora dele emergisse. — Será que posso ajudá-la de alguma maneira?

A oferta dele sobressaltou-a. Fitou-o, inclinando a cabeça, enquanto considerava como é que ele poderia de facto ajudá-la antes de analisar melhor a questão.

— Trata-se de uma questão privada, obrigada. Só o rei poderá ajudar-me e temo que não o fará. Tenho de decidir se vou aceitá-lo ou continuar a lutar.

— Se estiver do lado da razão, não baixe os braços já. A Casa tende a protegê-lo e a remover quaisquer problemas antes que se apercebam, sequer, se existe um verdadeiro problema. Se perseverar, poderá ter sucesso. — Oh, como aquelas palavras lhe tinham saído suaves. Ele não acreditava verdadeiramente no que dissera. Aqueles homens enterrariam para sempre o que quer que ela alegasse ter de ser resolvido, se o achassem melhor para o seu senhor.

Ela acenou com firmeza.

— Tem razão. O seu conselho será tido em conta. Ainda conseguirei reunir as provas necessárias para lhe chamar a atenção.

A porta do outro lado da câmara abriu-se e uma cabeça careca emergiu. A menina MacCallum apercebeu-se.

— Tenho de ir, Vossa Graça. Não quero voltar a ver aquele homem até estar pronta para ele.

Ela dirigiu-lhe uma vénia rápida e, depois, desapareceu enquanto a cabeça careca avançava através da grande câmara. Parou, por fim, mesmo à frente de Brentworth.

— Vossa Graça, obrigado por ter vindo.

Ele conhecia Haversham. O homem que era, há décadas, o reboque do rei. Não conseguia vê-lo sem pensar no Júlio César de Shakespeare. *Cássio tem uma expressão magra e faminta. Permite que me rodeie de homens que sejam gordos.*

— Sua Majestade chamou-me. Ou, pelo menos, foi o que pensei. Haversham corou.

— Escrevi sob instruções suas, mas hoje pediu-me que fosse eu a falar consigo.

— Não estou habituado a que ninguém, nem mesmo um rei, me impinja um funcionário.

— Impingir? Céus, não. De todo. Poupar-lhe-ei muito tempo se tratar dos preliminares, por assim dizer. Se lhe explicar algumas coisas. Assim, se se encontrar com Sua Majestade, não terá de esperar pelas suas explicações, que poderão ser menos diretas. — Tossiu para o punho. — Se é que me entende.

Ele compreendia. O rei poderia demorar uma hora a dizer o que quer que Haversham lhe diria em dez minutos.

— Pelo menos não teve a estupidez de me fazer conduzir até si por um pajem.

— Claro que não! De facto, seria melhor se falássemos em privado antes... ou seja, a questão poderá trazer algum embaraço a Sua Majestade e ele preferiria que eu... Se se pudesse sentar comigo aqui, tentarei explicar-lhe.

*Aqui* eram duas cadeiras enfiadas atrás de uma estátua numa tentativa de criar um pouco de privacidade. Brentworth lançou-se para uma delas e esperou que Haversham se despachasse.

— Como sabe, depois da revolta jacobita, vários títulos dos escoceses caíram em desonra. E, no caso de alguns comuns, foram-lhes tiradas terras — começou Haversham. — Em alguns casos, as casas dos barões feudais falecidos reverteram para a Coroa, devido ao facto de não existirem herdeiros ou descendentes. Nesses casos, a proscricção oficial não foi tentada.

— Tudo isso foi resolvido há uma geração.

— É verdade, mas, ocasionalmente, ainda recebemos uma petição para reabrir a questão em relação a uma ou outra propriedade. Alguém que alega ser descendente de um desses homens e deseja receber de volta as terras. Por norma são charlatães. Aventureiros. — Haversham afastou aquelas fraudes com um trejeito. — É mais comum do que poderia pensar. Alguns realizam a petição à Coroa depois de o colégio de armas ter rejeitado a alegação. Temos uma carta que lhes enviamos, avisando-os de que deverão abandonar as suas alegações sob pena de prisão. Isso, normalmente, resolve a questão.

— E quando isso não acontece?

— Eu lido com eles. É demorado, mas acabam por desaparecer.

— Ótimo. Porque é que esta questão me traz aqui hoje?

Haversham pareceu surpreendido.

— Oh! Pensei que soubesse. Bem, isto é embaraçoso. — Ele inclinou-se para a frente. — Recentemente, um desses descendentes avançou. Só que este tem em sua posse uma carta do último rei que reconhece a sua alegação.

— Que desagradável para si.

— Muitíssimo desagradável. Não se trata de uma falsificação. É uma carta selada e assinada, praticamente admitindo que o descendente é, de facto, descendente e prometendo que a propriedade lhe será devolvida. Bem, claro que o rei estava louco na altura. Quem sabe o que ele poderia ter escrito? No entanto, fê-lo.

— Quer o meu conselho? Foi por isso que me chamou aqui? Eu acho que...

— Com o devido respeito, Vossa Graça, não foi por isso que foi convidado. Quando saí e o vi, presumi que soubesse. Estava a falar com Davina MacCallum. É ela a reclamante em causa. Ela insiste em obter uma nova audiência com o rei para debater a questão. Eu fui encarregado de garantir que isso não volta a acontecer.

— *Uma nova* audiência?

— Lamento dizer que se encontraram em Edimburgo.

— Se uma audiência de cinco minutos a acalmar, não compreendo porque...

— Além da carta do último rei, lamento dizer que ela tem uma promessa deste, obtida em Edimburgo. Toda esta questão de promessas tem o potencial para ser embaraçosa para Sua Majestade. Muitíssimo embaraçosa. É vital que esta história não seja badalada.

Eric queria rir-se. Davina MacCallum conseguira que o rei da Grã-Bretanha andasse praticamente escondido dentro dos armários para a evitar. A estima que sentia por ela aumentou de imediato.

— Haversham, tudo isto é interessante, até divertido. Lamento, mas não conheço a senhora o suficiente para a influenciar. — Ele levantou-se. — O meu conselho é que o rei se limite a entregar-lhe as terras. Desconfio que não será capaz de lhe fazer frente.

Haversham levantou-se de imediato.

— Foi exatamente o que pensei. Não acerca de ele ser incapaz de lhe fazer frente (eu jamais teria a deslealdade de concordar com tal coisa), mas acerca de lhe devolver as terras. Muito mais limpo. Sem embaraços. Só há um problema. É agora outro o proprietário dessas terras. É pouco provável que considere que a nossa solução é assim tão inteligente.

Finalmente tinham chegado à questão.

— Eu falarei com ele em nome do rei, se é isso que deseja de mim.

Quem é?

Haversham lambeu os lábios. Dirigiu-lhe um sorriso trémulo.

— O senhor.

## C A P Í T U L O   D O I S



**A**o final da tarde, Davina entrou na casa de Bedford Square que servia de sede do *Parnassus*. Fundado pela duquesa de Stratton há um ano, o clube tinha apenas membros do sexo feminino. Davina fora convidada, aquando da sua chegada a Londres no dia em que, há um mês, se reunira com a Sra. Galbreath, a editora do jornal que havia adquirido dois dos seus ensaios.

Tão exclusivo quanto qualquer clube, este exigia uma votação para que fossem admitidos novos membros e o pagamento de quotas. No entanto, ela fora incluída *pro bono* — a Sra. Galbreath não o colocou deste modo, claro — e os membros revelaram-se bastante democráticos. Embora muitas senhoras da sociedade por ali parassem para descansar no grande salão ou para jogar numa sala reservada para o efeito, algumas mulheres não pertenciam à alta sociedade de todo.

E algumas, como a tesoureira do clube, eram agora importantes senhoras da sociedade, mas não eram bem-nascidas. Davina presumiu que todas reconhecessem essa última qualidade, tal como ela, mas ao contrário de muitas, isso aliviava-a. Consequentemente, ela e a mulher que nascera Amanda Waverly, e era agora a duquesa de Langford, tinham estabelecido rapidamente uma amizade.

Amanda estava sentada a uma secretária na biblioteca quando Davina chegou, a sua cabeça de cabelos negros curvada sobre uma caneta. Envergava um simples avental de linho sobre um luxuoso vestido da cor do amáris.

— Estás a trabalhar nas contas? — perguntou Davina. — Ou a escrever uma carta?

Amanda ergueu os olhos e saudou-a.

— Nas contas.

— Não preferias utilizar o gabinete?

— Normalmente o gabinete serve-me perfeitamente. — Amanda olhou de relance para o lado, onde três mulheres estavam sentadas próximo da lareira. — Mas os mexericos da senhora Bacon agradam-me mais. A partir daqui posso ir ouvindo.

— Mulher marota. Não irei interferir com qualquer uma das tuas atividades. No entanto, na festa, também ouvi dizer algo. A duquesa disse que viria hoje visitar a senhora Galbreath. Já o fez?

— Estão nos aposentos da senhora Galbreath.

— A duquesa costuma partir imediatamente depois de terem conversado? Utilizará ela alguns dos serviços do clube?

Amanda pousou a caneta na sua base.

— Porque perguntas? Queres falar com ela?

— Pensei que, se nos pudéssemos saudar de passagem, talvez fosse possível trocarmos mais algumas palavras.

O sorriso de Amanda ia-se alargando a cada palavra que ouvia.

— Tenho uma ideia melhor. Quando ela descer, eu dir-lhe-ei que pretendes falar com ela.

— Não quero impor a minha presença. — *Outra vez*, quase acrescentou. Já tinha abusado bastante quando, durante uma conversa casual, lhe pedira que escrevesse ao rei.

— Não creio que ela o veja dessa maneira. Eu não o vi, quando me abordaste.

*Isso foi diferente.* Davina refreou as suas palavras. Esta nova duquesa poderia sentir-se insultada se desse a entender que não era tão ducal como a outra duquesa.

O humor iluminou os olhos de Amanda.

— Ela não vai comer-te, Davina. Estou certa de que ficará interessada



com o que quer que lhe queiras dizer. — Ela inclinou a cabeça e olhou para a porta. — De facto, ouço-as a descer, neste momento.

Uma alegre conversa com vozes femininas precedeu as duas mulheres ao longo das escadas e até à biblioteca.

— Depois da reunião de terça-feira iremos votar — disse a duquesa à sua companheira. Depois reparou na presença de Davina. — Estou muito feliz por estar a aproveitar este clube, menina MacCallum. Gosto de pensar que possa ter encontrado aqui um santuário.

— Encontrei, Vossa Graça. Não é longe da minha residência, por isso posso aproveitar a paz que aqui encontro a qualquer dia, depois de terminados os meus deveres.

— Já lhe disse que tem de visitar os livreiros e escolher alguns livros e tratados de medicina para a nossa biblioteca — disse a Sra. Galbreath. A Sra. Galbreath, uma mulher loura, de ossos finos e elegantes, vivia ali e servia não só como editora da *Parnassus* mas também como gerente do clube.

— Ela veio até cá hoje porque quer falar contigo sobre algo, Clara — disse Amanda.

— Quer? Bem, procuremos um lugar sossegado para que possa fazê-lo. — Olhou em volta da biblioteca e cerrou os lábios quando viu as três mulheres reunidas perto da lareira. — Iremos até à sala de jantar, para que ouvidos alguns nos ouçam por acidente.

Amanda corou perante a insinuação de que pudessem estar presentes ouvidos indiscretos. Curvou-se de novo sobre as suas contas. Davina seguiu a duquesa para fora da sala e avançou até à sala de jantar.

Aquela era, agora, uma designação algo incorreta, dado que raramente servia para tal fim. Em vez disso, fora transformada para poder ser utilizada como sala de jogos, com pequenas mesas e um livro de apostas. Acima de tudo, Davina vira as mulheres a jogar *whist* a troco de dinheiro, mas certa vez um dos membros servira de *croupier* para um jogo de *vingt-et-un*.

A duquesa sentou-se na mesa mais distante, perto das portas que se abriam para um pequeno jardim. Convidou Davina a sentar-se com ela.

— Como lhe disse na semana passada, vim a Londres por uma razão — começou Davina. — Não foi para ser tutora. Essa foi apenas uma maneira de cá chegar.

— Queria falar com o rei acerca de uma questão importante para a sua família, em relação à qual o rei realizara certas promessas. Conseguiu finalmente fazê-lo?

— Fui chamada ao palácio hoje, graças à carta que escreveu em meu nome. Sem a sua influência, duvido que isso alguma vez tivesse acontecido.

— Não foi a minha influência, mas a do meu pai, cuja sombra se ergue sobre os meus ombros. O rei não possui qualquer amor *por mim*. No entanto, é bom saber que ainda tenho alguma influência, por pequena que seja. E fico feliz por ter conseguido a sua audiência.

— Consegui, mas não com o rei. Reuni-me com um homem chamado senhor Haversham.

Recebeu, em troca daquelas palavras, um sorriso gentil, lamentoso.

— Não é fácil ver um rei, em especial este. Está a ser repelida porque ele não quer ser recordado da sua promessa.

— Suponho que assim seja.

— Disse que se tinha encontrado com ele durante um jantar durante as festividades de Edimburgo. Ele estava com os copos? Que pergunta mais idiota. Claro que estava. E ali estava você, uma jovem engraçada, e ele concordou em ajudá-la para ser gracioso e talvez mais qualquer coisa. Oh, não sinta que tem de me dizer. Os hábitos dele são bem conhecidos, tal como o seu olho para as senhoras. — Tocou com os dedos no queixo. — Posso perguntar-lhe qual era o assunto? Não me ofereceu qualquer informação na semana passada, e eu não insisti, mas...

— Envolve uma herança. Uma que tem vindo a ser ignorada há muito tempo. O seu pai também concordara em retificar a situação, sabe. Só que, depois, enlouqueceu e...

— Portanto, dois reis prometeram ajudá-la com isto e nenhum deles o fez? Isso não é aceitável. Este tem medo que divulgue que ele não manteve a sua palavra, ou que nem sequer honrou a do pai.

Fora isso que dissera o seu patrão, o Sr. Hume. *A tua maior arma são os mexericos que irão fazê-lo ficar mal.*

A duquesa ponderou durante algum tempo sobre a questão.

— Creio que ainda irá ouvir mais do palácio. Acredito que tentarão resolver a questão de acordo com a sua vontade ou comprá-la de

alguma maneira. Terá de decidir se está disposta a permitir esta última hipótese, e, se assim for, qual o valor desta herança.

— Porque acha que isso irá acontecer?

— Provavelmente porque seria isso que eu faria, se tivesse de enfrentar a sua determinação.

Davina esperava que aquilo fosse um cumprimento. Perguntou-se se Haversham vira aquilo que a duquesa parecia ter visto nela.

— Espero que tenha razão. — Davina levantou-se para sair. — Agradeço-lhe a sua ajuda em abrir as portas do palácio para mim. Espero não ter sido demasiado arrojada quando lhe pedi ajuda.

A duquesa riu-se.

— Foi extremamente arrojada. Por acaso, é algo que admiro numa mulher.

— Fico feliz por isso, e muito grata.

A duquesa levantou-se igualmente.

— Depois conte-me o que acontecer. Talvez um dia me conte tudo acerca desta herança. Creio que existe aí uma história interessante.

Eric esticou as pernas e fitou o líquido vermelho-escuro no copo que tinha nas mãos. Os seus dois amigos, o duque de Stratton e o duque de Langford, já tinham terminado os seus. Em dez minutos ou assim, teriam de se juntar às senhoras.

— Foi muito simpático da vossa parte terem vindo — disse Langford sem se dirigir a alguém em particular e falando com todos em geral.

— Claro que vínhamos. Um pequeno jantar é uma excelente maneira de a tua esposa testar as suas novas asas — disse Stratton.

— Para a próxima podes convidar mais uns quantos — disse Eric. Bebeu um golo de vinho do Porto. — Este correu bem, e os jantares são basicamente todos iguais, com exceção do número de cadeiras.

Tinha sido o mais pequeno dos jantares, com a presença de apenas três casais. Uma primeira tentativa de receber por parte da antiga Amanda Waverly tinha de facto corrido bem. Precisava de um pouco de ajuda com o menu, mas a cozinheira não teria problemas em ajudá-la. Ou então uma das outras senhoras o faria. A esposa de

Stratton, Clara, não hesitaria em dar as instruções à nova duquesa, se considerasse que as mesmas eram necessárias.

— Eu disse-lhe que era muito pouco, mas ela estava tão nervosa... Bem, ela não nasceu neste meio, claro. — Langford deslizou os dedos pelos caracóis escuros, como sempre fazia quando estava preocupado. Eric sabia que o amigo não queria saber se o jantar correria bem ou não. No entanto, a esposa queria, e a preocupação que sentia era por ela.

— Talvez a sua próxima tentativa pudesse ser uma reunião da parte da tarde. Um salão — disse Brentworth. — Mais um para aquele jornal, por exemplo. — E assim a sua boca disse o que a sua mente pensava, uma mente que estivera ocupada, nos últimos dias, com uma certa ensaísta desse jornal. Davina MacCallum pensava que podia utilizar os seus ardis para lhe roubar uma das suas propriedades, não era? Ia ter uma triste desilusão em relação a esse esquema.

— Também foi simpático da tua parte teres comparecido a esse — disse Stratton, dirigindo-lhe um olhar carregado de significado.

Não fora bom. Fora necessário. Duquesa ou não, aquele jornal era controverso, e o facto de Clara ter reclamado a sua posse iria, sem dúvida, fazer abater sobre ela severas críticas. Não que ela ou Stratton se preocupassem com isso. Ambos estavam habituados à controvérsia, até mesmo ao escândalo. Era o seu papel de amigo aliviá-lo, se possível. Contudo, Brentworth sabia que a sua presença silenciaria pelo menos algumas das más-línguas.

— Diverti-me — disse ele, embora isso fosse um exagero. — Até levei para casa um dos jornais e li-o. Lady Farnsworth não se contém nos seus ensaios, por outro lado nunca esperei que o fizesse. O ensaio histórico estava bem escrito, embora eu nunca tivesse ouvido falar da autora. E o contributo da menina MacCallum foi... interessante. — Bastante interessante. Tinha de admitir com alguma reticência que ela tinha um talento para uma prosa envolvente.

— Amanda diz que a mulher é interessante, por isso também a sua escrita o deverá ser, suponho — disse Langford.

— Conhece-la pessoalmente? — perguntou Eric.

Langford abanou a cabeça enquanto se servia de mais um copo de vinho do Porto e passava a garrafa a Stratton.

— Falei com ela por breves instantes na festa. Algumas palavras. A Amanda, contudo, formou uma amizade com ela. Achei estranho que ela proviesse de Edimburgo, mas não soasse particularmente escocesa. A Amanda disse que viveu em Northumberland durante a infância.

— O seu ensaio combinava a descrição de uma viajante com o conselho de um médico. Só que, claro, ela não é médica.

— O pai era, segundo me disse Amanda. Ela viajava com ele durante o verão, para cuidar das pessoas nas zonas rurais.

— Então será uma aprendiz — disse Stratton, num tom casual que chocava com o caráter extraordinário da observação.

— Assim parece — disse Langford. — Suponho que ela esteja a continuar o seu trabalho, agora que ele partiu.

— Só que *ela não é médica* — repetiu Brentworth.

— O melhor é alguém que saiba alguma coisa sobre medicina do que ninguém que saiba tudo, provavelmente é assim que a questão é vista por aqueles de quem ela cuida — disse Stratton.

— Nem pode continuar o seu trabalho. Segundo me disseram, é uma governanta — acrescentou Brentworth, referindo uma questão que lhe fora transmitida por Haversham.

— Começou essas funções muito recentemente, imediatamente antes de ter chegado à cidade. Ela entrou ao serviço de Hume há cerca de um mês.

— Hume? Esse radical?

— Esse mesmo. Na sua mente contratou uma tutora para a filha, não uma governanta — continuou Langford. — A menina MacCallum é responsável por ensinar toda uma gama de temas académicos à sua filha. Era assim que ela se ocupava em Edimburgo, não como governanta.

Brentworth pensou no ensaio no jornal.

— Calculo que Davina MacCallum também possa ser uma radical. — Explicaria muita coisa, se ela tivesse motivações políticas, e não fosse apenas uma questão de ganância. Por um lado, não lhe parecera o tipo de pessoa capaz de enganar para enriquecer pessoalmente. Mas voltar a colocar terras escocesas nas mãos de um escocês... conseguia ver isso como um objetivo que permitiria uma

retorcida racionalização capaz de apresentar o logro como não sendo um logro.

— Porque dirias tal coisa? O meu tutor não adotou as políticas do meu pai, porque haveria ela de adotar as de Hume?

— Não creio que ela tenha adotado o que quer que seja. Acho que ela o conhece porque já tem simpatia por essa mesma causa.

— Causa? Singular? — disse Stratton. — Presumo que te refiras à causa escocesa. Creio que é seguro dizer que, depois das execuções nos anos vinte, o que resta dessa causa finalmente desapareceu para sempre.

— A Amanda não me indicou que a sua nova amiga tivesse quaisquer pontos de vista políticos, muito menos esse — disse Langford.

— No seu ensaio descrevia viagens para leste de Glasgow, onde estiveram centrados esses problemas. A sua paciente era a esposa de um tecelão. Ela fez referência à sua infeliz ausência durante os últimos anos e as dificuldades que isso criou. Provavelmente foi um daqueles transportados.

— Isso importa? Duvido que ela tenha vindo a Londres para assassinar alguém — disse Stratton.

Brentworth ignorou a afirmação. *Não, veio a Londres para roubar centenas de hectares da minha herança.*

Langford fitou atentamente Brentworth. Este suportou o olhar. No caso da maior parte dos homens, sentir-se-ia confiante de que nada seria deduzido, mas aquele era Langford, que o conhecia demasiado bem e que possuía uma irritante capacidade para ver por baixo da sua armadura.

Langford sorriu como um diabinho, e luzes maliciosas cintilaram nos seus olhos azuis.

— Tu estás-te nas tintas para a sua política. Estás apenas em busca de uma desculpa para te sentires interessado por ela por qualquer razão, e essa servirá o teu propósito.

As sobrancelhas de Stratton ergueram-se subitamente. Também ele analisou Brentworth.

— Que disparate — disse Brentworth. — Não fazem ideia do quão errados estão. A vossa contínua paixoneta pelas vossas esposas fez-vos presumir que todos os homens são idiotas como vocês, Langford. Não

tenho qualquer interesse nas excessivamente controladas mulheres escocesas de estranha educação e modos. Agora, não será altura de nos juntarmos às senhoras? Vocês os dois estão a aborrecer-me.

— *Excessivamente controlada*, era? Já passaste mais tempo a analisar o carácter dela do que o de qualquer outra mulher. — Com um sorriso convencido de vitória, Langford levantou-se e conduziu os homens até ao exterior.

Tinha, de facto, mas não pelas razões que Langford presumia.

## C A P Í T U L O   T R Ê S



**A** casa em Saint Anne's Lane, em Cheapside, não parecia grande, mas as casas de Londres podiam ser surpreendentes. Algumas delas, embora estreitas, estendiam-se para trás ao longo de quase um quarteirão. Eric presumiu que não fosse esse o caso. Fora alugada por um membro do Parlamento, afinal de contas, e não um muito rico.

No entanto, revelava-se, certamente, conveniente para a presença de Angus Hume nas sessões do Parlamento. E também para aquelas reuniões de radicais a que ele, sem dúvida, também assistia. Com alguma sorte, seria lá que Hume se encontrava neste momento. Eric subiu os poucos degraus para descobrir.

Apresentou o cartão à criada que lhe abriu a porta.

— Venho falar com a menina MacCallum.

A criada parou para olhar para o cartão. O seu rosto repleto de sardas corou por baixo da aba da sua touca branca. Corada, convidou-o a sentar-se numa pequena salinha ao lado da entrada, antes de se afastar apressadamente.

A divisão servia de pequena biblioteca. Belas janelas abriam-se para a rua e o bom mobiliário oferecia conforto. Espreitou para os livros, perguntando-se se pertenceriam a Hume ou se acompanhariam a casa.



— Vossa Graça, sentimo-nos honrados.

Não era a voz de uma mulher. Maldição.

Voltou-se e viu Hume, ainda junto à porta. O homem afetava um ar artístico com o seu cabelo pelos ombros e o seu bigode, tornado mais dramático pela sua cor de um cobre profundo. Por outro lado, preferia roupas elegantes, de tal modo que Eric, pelo menos, não o encontrou a envergar um qualquer turbante e túnica exóticos.

Ele não gostava de Hume, e não por o homem ser um jacobita que se aproximava fortemente da insubordinação ao condenar a União da Escócia e da Inglaterra. Havia radicais, e havia radicais. Este radical era daquele tipo que deseja virar tudo de pernas para o ar já amanhã. Certa vez sugerira que a única maneira de realizar as mudanças necessárias era exilar todos os nobres. Era conhecido por ter falado, em privado, com ternura em relação ao modo como a guilhotina lidou com o problema em França.

— Hume. Que bom vê-lo. Parece de boa saúde e em forma. — E feliz, arrogantemente feliz. Como a maior parte dos homens secos e nervosos, transmitia a sensação de ter uma energia crescente. Naquele momento parecia prestes a rebentar com ela.

Ele sabia. O maldito jacobita estava consciente das alegações da menina MacCallum. Haversham teria uma apoplexia se descobrisse.

— Sou saudável como um touro, apraz-me dizê-lo. A criada disse-me que queria ver Davin... a menina MacCallum.

A familiaridade não fora um verdadeiro deslize. Fora uma declaração deliberada de... quê?

— Correto. Ela está em casa?

— Está na sala de aula com a minha filha. Normalmente dá-lhe aulas até às duas da tarde.

— É uma e meia. Talvez desta vez lhe possa permitir terminá-las mais cedo. Embora, se o exigir, eu espere.

— Não, não, não podemos permitir tal coisa. Quando um duque condescende em fazer-nos uma visita, temos de ser maleáveis. Já pedi à criada que informasse a menina MacCallum da sua chegada.

— Que simpático da sua parte.

Hume andou de um lado para o outro sem destino, olhando para as peças de mobiliário como se fosse ele a visita.

— Posso perguntar-lhe a razão da sua visita?

*Como se não soubesse, seu patife irritante.*

— Não.

— Sou, claro está, responsável pela menina MacCallum. Poderei, pelo menos, perguntar se se trata de uma visita social?

— Trata-se de uma questão privada.

— Ah.

Ah, realmente.

— Creio que já a conheceu — disse ele. — Sem dúvida a sua percepção dela é a mesma que a minha. É uma mulher francamente determinada. E de vontade forte. Não se deixa amedrontar facilmente.

— É uma pena, para si, ter uma empregada com tais qualidades.

— Oh, ela é mais do que uma empregada. Recebemo-la na nossa família. É uma de nós. — Dirigiu-lhe um olhar direto ao dizer aquelas palavras, pretendendo assegurar-se de que a última frase transmitia todo o tipo de significado, o que deixou Eric a perguntar-se qual deles se aplicaria na realidade.

— Estou certo de que está grata pela sua sorte.

— Bem, há sorte e depois há a verdadeira sorte, não é?

Eric esperava que a menina MacCallum chegasse antes de ele ter de ouvir Hume a explicar como a boa sorte futura dela chegaria às custas do duque de Brentworth. O homem estava em pulgas para o fazer.

— Tenho sido negligente — disse Hume. — Permita-me que peça à senhora Moffet para lhe trazer algo para beber. — Avançou para a porta para chamar a criada. — Vou também chamar a minha mãe, para que ela o possa saudar.

Eric não queria beber nada. Nem sequer queria ficar naquela casa, onde tinha a certeza de que haveria ouvidos à escuta.

— Por favor, não se incomode. Trata-se de uma visita de negócios, e não quero perturbar a sua casa. Aguardarei no jardim, contudo. O dia está agradável.

— Com certeza. Mostrar-lhe-ei o caminho...